

Cidade de Botucatu

Símbolos e experiências da modernidade entre os anos de 1928-1934

The city of Botucatu
Symbols and experiences of modernity between the years 1928-1934

Luís Gustavo Martins Botaro*

Resumo: O processo de modernização das cidades do interior paulista, entre as últimas décadas do século XIX e primeiras do século XX, é concomitante com as reformas dos grandes centros brasileiros, como Rio de Janeiro, São Paulo e Santos. A partir do crescimento demográfico e econômico gerado pela cultura cafeeira, alguns municípios do interior paulista foram palcos de mudanças e reformas. Sendo assim, entendemos que, a partir da leitura de diferentes experiências em cidades do interior paulista, possamos melhor compreender nosso caso específico: as transformações do espaço, modos e experiências urbanas da cidade de Botucatu entre os anos de 1928-1934, que por sua vez, ganhavam as páginas dos jornais locais.

Palavras-chave: modernidade; cidade; Botucatu

Abstract: The São Paulo's inner cities process of modernization, between the last decades of the XIX century and the first decades of the XX century, is concurrent with the restructuring of the Brazilian's major centers, such as Rio de Janeiro, São Paulo and Santos. Starting from population and economic growth generated by coffee, some of São Paulo's inner cities were places of changes. Therefore, starting from the reading of different experiences of the São Paulo's inner cities, we can have a better understanding in this specific case: The space, habits and urban experience changes of the Botucatu city between the year of 1928 until 1934, which in turn, earned the pages of the local newspapers.

Keywords: modernity; city; Botucatu

Introdução

Nos últimos anos tem crescido o número de pesquisas e trabalhos acadêmicos que envolvem a cidade enquanto objeto de reflexão: sob diferentes aspectos, as cidades são discutidas enquanto pano de fundo de disputas políticas, relações sociais e culturais em distintos momentos históricos. Enquanto objeto de pesquisa, tem-se também ampliado os caminhos das discussões sobre a cidade, que perpassam aquele de caráter histórico e de origem, cronológico, que envolve a vida de personagens com o meio urbano. No meio

* Graduado em História pela UNESP no campus de Assis. Atualmente é mestrando em História na Unesp de Assis. E-mail: luis.botaro@gmail.com

acadêmico, tem crescido o número de trabalhos sobre a história de cidade e do urbanismo no Brasil. Sarah Feldman ressalta que, sobretudo a partir da década de 1980, houve no Brasil o que ela assinala como um marco na produção acadêmica voltada para a história urbana, caracterizada por uma multidisciplinaridade envolvendo pesquisadores de diferentes áreas, como arquitetos, historiadores, geógrafos, engenheiros e urbanistas (FELDMAN, 2001, p. 33).

Dentre os temas e abordagens nas pesquisas que envolvem a história da cidade e do urbanismo no Brasil, os estudos sobre modernização urbana, urbanismo e imagem/imaginário são aqueles com maior número de produções acadêmicas, voltados para as cidades brasileiras entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, segundo o levantamento apontado por Ana Fernandes e Marco Aurélio Gomes (2004). Ao traçarem um perfil das pesquisas sobre a história da cidade e do urbanismo no Brasil a partir dos artigos produzidos e apresentados na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (Anpuhr), demonstram que estamos diante de uma ampliação e mudança no eixo de pesquisa: antes em sua maioria os estudos priorizavam a tríade higiene/fluidez/estética sob o processo de modernização, recentemente vem se dedicando também aos momentos subsequentes dessa experiência, bem como, os estudos priorizam abordagens a partir da imagem e imaginário urbana criados por viajantes e cronistas sobre tais momentos históricos, por exemplo (FERNANDES; GOMES, 2004, p. 23-25). Os textos de Sandra Pesavento (1995; 1997; 2002) e de Marshall Berman (2007), por exemplo, traduzem e ilustram o significado dessa tendência acerca da abertura de avenidas, ruas, e questões como higiene e estética urbana, dialogando com referências da literatura contemporânea, como Charles Baudelaire, Victor Hugo, Karl Marx, Dostoiévski, João do Rio, Machado de Assis, Lima Barreto em grandes centros urbanos e capitais.

Entretanto, nosso objetivo aqui está em compreender o processo de modernização de pequenos centros urbano, mais especificadamente no interior paulista: a cidade de Botucatu, no início do século XX. Entretanto, nosso intuito não é ficarmos restritos as modernização das infraestruturas urbanas. Entendemos a modernização numa esfera além dos serviços urbanos, porém relacionados aos mesmos: os novos hábitos e costumes que passam a ser discutidos pelos jornais, devido às experiências com novos objetos e vivências, como o cinema e a energia elétrica.

Experiências da Modernidade

A ideia e conceito de modernidade, modernismo e moderno, discutido em várias frentes do pensamento, dentre as quais na própria história, pode ser compreendido a partir da perspectiva da temporalidade: compreender a modernidade é “localizá-la na dinâmica histórica, atendendo as suas diferentes inserções, formas e expressões” no tempo (VELLOSO, 2007, p. 353). Neste perspectiva historicista do conceito, de sua relação com o tempo, Le Goff ressalta que o conceito de modernidade está na relação entre o presente e o passado: “a relação entre antigo e moderno é construído pela atitude dos indivíduos, da sociedade e da sua época perante o passado, o seu passado”, que por sua vez, essa relação com o passado pode adquirir vários sentidos, como a repulsa ou anseio de um retorno aqueles tempos (LE GOFF, 2003, p. 175).

Nicolau Sevcenko ao deter-se sobre as transformações modernizadoras da cidade de São Paulo, desenvolve suas reflexões principalmente sobre a vida cotidiana e cultural paulistana no correr dos anos de 1920. Faz uma análise do impacto as inovações tecnológicas e efeitos da urbanização na cidade de São Paulo, bem como das novas experiências de tempo e espaço na construção da modernidade paulistana, sobretudo pela imprensa e seus cronistas. Com sua forma peculiar de narrativa, procura reconstruir diferentes aspectos da ruptura e em diversos níveis de experiência o processo de urbanização e modernização da cidade de São Paulo em 1920.

Para compor a sua análise das mudanças ocorridas na cidade nas mais variadas abordagens (econômica, política, cultural), o autor toma alguns preceitos de Nietzsche e de Walter Benjamin. Primeiramente, em relação ao filósofo alemão, Sevcenko baseia sua análise sobre a modernidade norteando-se na concepção da dissolução dos valores herdados do século anterior, o radical esquecimento e distanciamento das ideias anteriores, e o despertar para o novo (SEVCENKO, 1992, p. 12). Em Walter Benjamin baseia-se na concepção da contradição, do contraste, para melhor compreender as mudanças e transformações da sociedade paulistana em modernização. Baseia-se também nas discussões já trazidas por Benjamin sobre a pluralidade de espaços e sob uma perspectiva de tempo não mais linear, mas um tempo múltiplo, com uma multiplicidade de durações (SEVCENKO, 1992, p. 15).

Ainda sobre essa perspectiva inserida no âmbito da temporalidade, Berman pontua a modernidade como uma experiência coletiva e vital, segundo o autor, trata-se de “uma experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo” (BERMAN, 2007, p. 24). A “experiência vital e histórica” da modernidade é sentida pelos homens que a vivem como sendo os únicos a experimentar-las, e por isso, desenvolveu uma rica história e uma

variedade de tradições próprias. Neste sentido de ser compartilhados por todos, Berman ressalta que a modernidade:

[...] anula todas as fronteiras geográficas e racionais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, ‘tudo que é solido desmancha no ar’ (BERMAN, 2007, p. 24-25).

Quando Berman volta-se para os autores do século XIX, como Baudelaire, Marx, Goethe, Dostoievski para demonstrar a ambiguidade, angústia e contradição, ressalta que homens e mulheres ao viver nesse processo de intensa e permanente mudança, ao buscar “apreenderem o mundo moderno e de se sentirem em casa nele”, de serem sujeitos da modernização, Berman conceitua esse processo de modernismo: a ação dos indivíduos a se transformarem junto ao mundo ao seu redor (BERMAN, 2007. p. 11). Nesse processo de transformação e autotransformação do indivíduo, Berman coloca em evidência a mudança no espírito dos homens e das mulheres ao experimentar as vivências numa sociedade em processo de “modernização”: “fusão de suas forças materiais e espirituais [da vida moderna], a interdependência entre o individuo e o ambiente” (BERMAN, 2007, p. 174).

A moda e os modos são algumas vertentes da manifestação da modernidade e das transformações geradas entre a segunda metade do século XIX e início do século XX. Ao tomar como referência Walter Benjamin, Renato Ortiz ressalta que a “modernidade encontra-se ancorada num substrato material sem o qual ela não poderia se expressar” (ORTIZ, 1998, p. 29). As transformações materiais que ocorrem nesse período aliadas no dinamismo do contexto internacional que envolviam novos equipamentos, produtos e processos de produção interiorizam na vida cotidiana, que segundo Nicolau Sevcenko:

[...] essas mudanças [econômicas e materiais] irão afetar desde a ordem e as hierarquias sociais até as noções de tempo e espaço das pessoas, seus modos de perceber os objetos ao seu redor, de reagir aos estímulos luminosos, a maneira de organizar suas afeições e de sentir a proximidade ou o alheamento de outros seres humanos. De fato, nunca, em nenhum período anterior, tantas pessoas foram envolvidas de modo tão completo e tão rápido num processo dramático de transformações de seus hábitos e costumes, suas convicções, seus modos de percepção e até seus reflexos instintivos (SEVCENKO, 1997, p. 7).

Na mesma direção de Nicolau Sevcenko (1997) e de Gildo Magalhães (2000) sobre os efeitos da aplicação da ciência aos processos de produção, Antony Giddens ressalta que as intensas transformações, sobretudo no final do século XIX, transformam os modos de vida em sua amplitude e magnitude:

Os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilham de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não têm precedentes. Tanto em sua extensibilidade quanto em sua intencionalidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de mudança característicos dos períodos precedentes. Sobre o plano extensível, elas serviram para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo; em termos intencionais, elas vieram a alterar algumas das mais íntimas e pessoais características de nossa existência cotidiana (GIDDENS, 1991, p. 14).

Nesse processo de transformação do ser humano diante das mudanças materiais do novo tempo, os estabelecimentos comerciais possuem um papel relevante nesse meio, num movimento ambíguo. Por um lado, no caso da cidade de São Paulo, sobretudo na região do Triângulo analisada por Heloísa Barbuy, os proprietários de estabelecimentos comerciais movidos pelas intervenções do Poder Público no espaço urbano, acabavam por acelerar as reformas/medidas desejadas. Ou seja, os comerciantes, desejosos de colocar em prática novos padrões e modos de exibirem suas mercadorias (por meio das vitrines), ajudavam na transformação da feição da cidade “com novos estilos e arremedos de modernidade” (BARBUY, 2006, p. 54). Os prédios, serviços e produtos comerciais, aliados aos conceitos e ideais de urbanismos e na própria exposição e organização dos produtos, aturaram na transformação do cenário urbano.

Por outro lado, os novos produtos que eram expostos nas vitrines, que circulavam nas revistas e jornais, ganhavam a mentalidade das pessoas, engendravam, segundo Heloísa Barbuy, “uma moderna febre de novidades e celebração do presente, promoviam a dinâmica das transformações rápidas, impondo a desconexão com a tradição” (BARBUY, 2006, p. 77). Essa desconexão com o passado era reforçada com os novos produtos eletrônicos, modos de se vestir, inspirados no vestuário da prática esportiva que começava a compor o cotidiano, bem como, a partir da influência do cinema e de seus astros (SEVCENKO, 1992, p. 49; p. 92-94).

Entendemos que os desdobramentos tecnológicos das últimas décadas do século XIX e início do século XX, como a ferrovia, a indústria química, a energia elétrica, o cinema, e a “modernização do espaço urbano” desencadearam transformações no cotidiano das pessoas, sobretudo daqueles que viviam nas cidades. Como resultante dessas experiências, ocasionou mudanças e criaram novos meios de sociabilidade e reelaboração de valores e tradições. Segundo Carla Ferraresi, o cinema além de sua função de lazer e entretenimento, “criou uma forte empatia no homem moderno, uma espécie de identificação imediata entre o que era projetado na tela e as novas sensações despertadas nos indivíduos trazidos no bojo do processo de modernização” (FERRARESI, 2007, vol. 1, p. 167). Nessa relação, o cinema

como meio de comunicação de massa, é responsável pela produção de informações, valores, costumes e modos, que por sua vez, deslocam-se de seu local de origem para outros lugares longínquos no tempo e espaço, e são assim, reapropriados e ressignificados por aqueles que consomem suas linguagens (FERRARESI, 2007, vol. 1, p. 42).

No mesmo sentido do cinema, a energia elétrica também provoca e cria novas sensibilidades, experiências e transformação dos modos e costumes, principalmente daqueles que vivem nas cidades e em contato com os produtos eletrônicos. Países como Estados Unidos e Alemanha foram pioneiros e referências no que se refere ao uso de força e luz elétrica. Locais de origem de grandes indústrias que produziam e comercializavam artigos para o funcionamento da força elétrica, como lâmpadas e geradores elétricos, e que por sua vez, investiam capitais na produção e distribuição de energia elétrica em países periféricos, como o Brasil (MAGALHÃES, 2000, p. 30-31).

A presença dessas grandes empresas de capital exterior no desenvolvimento e comercialização da energia elétrica no Brasil, limitou, porém não impossibilitou o desenvolvimento de companhias pelo Estado. Helena de Lorenzo ressalta que havia centros isolados e descentralizados de fornecimento de energia e força elétrica: principalmente entre os anos de 1900 a 1920, estes estabelecimentos próximos a quedas de água (uma necessidade devido à ausência de técnica mais apurada para a geração de força e luz elétrica) serviam os núcleos urbanos, como por exemplo, a Usina Hydro-Elétrica Petrarca Bacchi em Botucatu (LORENZO, 1993, p. 98).

Segundo Gildo Magalhães, havia projetos de desenvolvimento de força elétrica no Brasil, como no Estado de São Paulo, que eram discutidos na Escola Politécnica e na Escola de Engenharia Mackenzie, por exemplo (MAGALHÃES, 2000, p. 15). Entretanto, o autor disserta sobre certo descaso das elites em tal empreendimento, facilitando e agindo de modo a favorecer investimentos de capitais exteriores para cobrir as demandas de força e luz elétrica (MAGALHÃES, 2000, p. 47-53).

No processo de modernização do Brasil, que ganha força com o advento da República, alguns elementos são transformados em símbolos desse movimento, como a ferrovia e o uso da energia elétrica, ambos possuem um papel significativo na industrialização do Brasil, sobretudo do Estado de São Paulo (Cf. DEAN, 1971; CANO, 1983; LORENZO, 1993; MAGALHÃES, 2000). O uso da energia elétrica como força motriz e grande aceitação enquanto mercadoria foi de grande importância para o capitalismo industrial brasileiro e contribuiu para seu desenvolvimento, e segundo Helena de Lorenzo, significou uma nova fase no desenvolvimento urbano e industrial (LORENZO, 1994/1995, p. 124).

Nas últimas décadas do século XIX, houve maior uso e aceitação da energia elétrica enquanto força motriz. Aceitação essa motivada por ser uma fonte de energia limpa, silencioso e menos oneroso para o industrial, além de possibilitarem uma nova forma de organização industrial e da produção (MAGALHÃES, 2000; LORENZO, 1993). Contudo, as implicações da energia elétrica não estão restritas ao uso industrial, enquanto força motriz. No Brasil, a introdução da energia elétrica deu-se lentamente, assim como a importação de bens de consumo relacionados a eletricidade, os quais devido a maior participação no cotidiano das pessoas, implicaram em transformações na sociedade: “aos poucos, as inovações técnicas importadas da Europa e dos Estados Unidos impunham novos padrões de consumo que iam sendo integrados ao processo de formação da economia e da sociedade” (LORENZO, 1994/1995, p. 124).

Aspectos da modernização no interior paulista

As cidades do interior paulista sofreram transformações em suas composições urbanas entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Estas mudanças foram discutidas, repelidas, ressignificadas pelos jornais das cidades, seus cronistas e parceiros, que por vezes entendiam-nas como um processo de modernização das estruturas e serviços urbanos. As riquezas geradas pela economia cafeeira, a chegada da ferrovia e os serviços e estruturas ferroviárias, a dinâmica comercial e industrial, a estética dos prédios privadas e a presença de espaços de lazer e entretenimento como os cinemas e teatros eram símbolos da modernização das cidades do interior paulista. Sendo assim, as vivências e experiências urbanas que eram vivenciadas, com o contato com elementos tecnológicos despertavam também um sentimento de pertencimento e ligação ao mundo civilizado e moderno.

Sobre o processo de mudanças e transformações das cidades do interior paulista, Emília Viotti da Costa chama atenção para algumas alterações pela qual a sociedade brasileira passou a partir da segunda metade do século XIX, sobretudo a então Província de São Paulo:

As transformações ocorridas na segunda metade do século XIX – abolição da escravatura, desenvolvimento das redes de transporte, imigração e industrialização – não foram suficientes para alterar fundamentalmente a orientação da economia, mas contribuíram para a formação de um incipiente mercado interno, estimulando a urbanização. A tendência a concentração de capitais em certas áreas, cuja economia estava em expansão (regiões cafeeiras), irá motivar uma modernização mais rápida dessas regiões (COSTA, 1979, p. 206).

Chegamos aqui a um dos pontos que entendemos crucial para compreendermos o processo de modernização das cidades do oeste paulista entre as últimas décadas do século

XIX e as primeiras do seguinte: o capital cafeeiro. A expansão da produção cafeeira ao interior do Estado de São Paulo e principalmente, a inserção cada vez maior de áreas ao sistema capitalista de produção provocaram mudanças na estrutura urbana de cidades do interior paulista e também em suas experiências do cotidiano urbano.

Entendemos que o desenvolvimento das cidades do interior paulista, sobretudo no final do século XIX e começo do XX, é fruto tanto da presença do capital agrícola (cafeeiro), quanto da expansão comercial resultante da integração do país ao mercado internacional, e de investimento do capital estrangeiro. Sendo assim, as cidades brasileiras estão voltadas para o mundo europeu e norte-americano, e sobre tais polos é que vão direcionar os olhares a procura de modelos, de ideais e valores: será sobre as transformações ocorridas na Europa e nos Estados Unidos que a elite política, econômica e urbana defrontar-se-á em busca de referências para a modernização (LANNA, 1996, p. 18).

Entretanto, pontuar e explicar a modernização das cidades do interior paulista apenas enquanto consequência da inserção e demandas da economia capitalista limita as reflexões sobre o processo de modernização daqueles centros urbanos. A urbanização que toma forma na segunda metade do século XIX, sobretudo na Província e depois Estado de São Paulo, além de ser fruto do desenvolvimento do capitalismo, é também decorrência do contato com valores, modos de vida e comportamentos do mundo europeu e norte-americano.

Sendo assim, Ana Lucia Lanna caracteriza as cidades - aqui podemos inserir as cidades do oeste paulista -, num movimento a procura de padrões europeus e burgueses de vivências e experiências urbanas. Ao defrontar a realidade das cidades brasileiras com aquelas experimentadas na Europa, há um movimento dualista: por um lado à exaltação do novo, novas construções e modos/estilos/experiências do cotidiano urbano, e por outro, a condenação de passado colonial, presenciado tanto nas construções e arquitetura, quanto nos modos de vida e costumes da população (LANNA, 1996, p. 20-22).

Neste sentido, cabe examinar com mais detalhes algumas cidades do interior paulista, que na virada do século XIX para o XX, almejam um projeto de modernização, dentre outros, a modernização de suas estruturas e experiências por meio de reformas urbanas.

A cidade de Franca teve uma transformação mais intensa com a produção cafeeira e principalmente com a chegada da ferrovia a seus limites, a Companhia Mogiana de Estrada de Ferro. Até a chegada dos trilhos de ferro e da produção cafeeira, o núcleo urbano de Franca era limitado a festividades religiosas, e difícil perceber as distinções entre espaço urbano e o rural. Estes dois elementos teria como consequência o crescimento do número de habitantes, aumento e melhoramentos nos serviços prestados pela cidade, como a criação de hotéis,

restaurantes, escritórios, e atividade comercial mais intensa. Tais elementos, entendido por Follis como transformadores, pois possibilitaram que o espaço urbano recebesse investimentos em melhorias de suas estruturas (FOLLIS, 2004, p. 32-34).

Franca, assim como a maioria das cidades do interior paulista, não sofrera nenhum plano intervencionista por parte do Estado, como a cidade de Rio de Janeiro, São Paulo ou Santos. Todavia, como ressalta Fransérgio Follis, as reformas que ocorreram em Franca seguiram a tríade de valores que legitimaram as reformas de grandes centros, como Paris e Rio de Janeiro: higienização, racionalização e embelezamento da malha urbana que foram colocados em prática sob ações da Câmara Municipal em concomitância com particulares (FOLLIS, 2004.).

Por não dispor de recursos necessários para efetivar as mudanças e reformas necessárias a modernização da cidade e das estruturas urbanas, duas foram às estratégias adotadas pela elite política de Franca: a criação de impostos e uma forte fiscalização e cobrança junto a população, e um segundo elemento, fora a pareceria e concessão entre o poder público e privado, que muitas vezes misturavam-se. A criação de impostos e taxas e maior fiscalização e cobrança dos mesmos por parte do Poder Público das pequenas cidades do interior paulista, fora uma ferramenta utilizado para que pudesse colocar em prática algumas medidas que eram entendidas como modernizadoras do espaço urbano, e conseqüentemente, dos hábitos dos cidadãos. Houve assim, um movimento próximo na cidade de Batatais, também no interior paulista, que entre as últimas décadas do século XIX e início do século XX ansiava pela modernização de suas estruturas e costumes de seus habitantes.

Robson Mendonça Pereira ao analisar a modernização da cidade de Batatais sob a administração de Washington Luís ressalta também que as mudanças ocorridas na segunda metade do século XIX ressignificou o papel das cidades, principalmente aquelas do interior paulista. A chegada de imigrantes europeus em substituição à mão-de-obra escrava, o desenvolvimento de meios de comunicação e a incipiente industrialização estimularam a urbanização do interior de São Paulo. Mas, segundo o autor, a economia cafeeira e as novas aplicações do capital cafeeiro, sua diversificação no meio urbano junto a ferrovia, foram dois elementos principais para a modernização material do espaço urbano nas cidades do interior paulista (PEREIRA, 2005, p. 26-27). Sobre a ferrovia, especialmente, o autor destaca que com a chegada da Companhia Mogiana de Estrada de Ferro houve um processo de reocupação e renomeação dos espaços de memória coletiva dos tempos da ocupação mineira

[...] extirpando traços da antiga cultura caipira, substituindo-os por marcos civilizatórios mais condizentes com o progresso e modernidade em voga e

promovendo o desaparecimento dos traços do antigo sertão, que passou a denominar-se 'Alta Mogiana'. (PEREIRA, 2005, p. 75).

Muitas cidades do interior paulista sofreram reformas em sua estrutura e malha urbana visando à modernização da “urb” entre as décadas finais do século XIX e início do século XX. Sendo assim, tais medidas eram concomitantes com as intervenções das grandes cidades brasileiras, como Rio de Janeiro, São Paulo e Santos. Neste sentido, Robson Pereira entende a modernização das cidades do interior paulista como apropriações de diferentes concepções de reformas urbanas, nacionais e internacionais, que foram adaptadas as cidades paulistas emergentes da econômica capitalista: uma vez que eram criadas ou estavam se desenvolvendo a partir do capita agrário e comercial associados, por sua vez, ao capital estrangeiro (PEREIRA, 2005, 27-28).

Além dessa peculiaridade, que seria a ressignificação de diferentes estilos e modelos de reformas urbanas que eram adaptadas nas cidades do interior paulista, o autor chama atenção para o municipalismo. Ou seja, a capacidade do próprio município de dirigir a modernização de seu espaço urbano. Contudo, devido as verbas municipais serem escassas, a alternativa para arrecadação de rendas é a criação, regulamentação e cobrança de impostos municipais: sobre prédios residenciais e comerciais, sobre a produção agrícola, industrial e a regularização dos automóveis, por exemplo (PEREIRA, 2005, p. 91-96). No caso de Batatais, as reformas urbanas e a defesa do municipalismo por parte da elite política, dentre eles o então chefe da Câmara Washington Luis, estimularam a iniciativa privada dos “coronéis” (aqueles que detinham capital econômico e força política), em concorrências públicas para os serviços e melhoramentos urbanos. A defesa da autônoma municipal resultou em um movimento ambíguo: por um lado, a falta de recursos por parte do Estado, por outro, em empréstimos junto aos fazendeiros e empreendedores da cidade, que ao financiarem e emprestarem recursos às melhorias urbanas conseguiam por relações sociais/políticas isenções de impostos, além de outros benefícios gerados no próprio meio urbano, que acabam por criar uma valorização dos imóveis destes particulares (PEREIRA, 2005, p. 113).

O desejo de tornar a cidade de Franca moderna, também passava pela implementação de uma estética urbana. A construção de praças e jardins, o alargamento das ruas e a construção de prédios com uma nova arquitetura eram incentivados pelo Poder Público local. Contudo, como não dispunha de grande capital necessário a tais reformas e para as desapropriações necessárias, muitas vezes os particulares (sobretudo aqueles de maior posse) abriam mão da indenização ou mesmo investiam recursos na construção de uma praça, por exemplo, pois o empreendimento valorizaria os imóveis nas proximidades. Como as praças e

jardins eram construídos no centro, local onde residiam a elite econômica e política de Franca, estes tinham seus imóveis valorizados com as reformas e novas construções idealizadas pela prefeitura local (FOLLIS, 2004, p.50-54).

Com a crescente importância econômica da cidade devido a economia cafeeira, a ferrovia e a dinâmica comercial, a cidade passa a ser *locus* de investimentos e melhoramentos. A transformação e modernização da cidade, desejada por aqueles que dirigiam a cidade e que ganhava adeptos devido aos discursos dos jornais de Franca, fora gradual e direcionada pela Câmara Municipal. Contudo, houve forte presença e participação do capital privado nos investimentos em melhorias urbanas. A elite econômica, que muitas vezes participavam da política enquanto vereadores ou cargos de confiança, utilizavam desse prestígio e posição para aprovar seus projetos, como no caso da construção do prédio do teatro e do hotel: uma iniciativa pública, mas com o uso do capital privado, a partir de vários benefícios, como isenção de impostos (FOLLIS, 2004, p. 90-103). Essa parceria entre o interesse público de melhorias por meio da iniciativa privada, estendeu-se para outros serviços urbanos, como o de fornecimento de força e luz elétrica, onde alguns membros da elite local organizaram-se e a partir dos privilégios conquistados junto ao Poder Público fundaram a Companhia Francana de Eletricidade, que forneceria luz e força elétrica a Franca (FOLLIS, 2004, 121-129).

Até aqui vimos, pelas experiências de algumas cidades do interior paulista, a participação do capital cafeeiro na modernização dos espaços urbanos. A elite econômica das cidades, sobretudo aqueles fazendeiros-empresários, que além da atividade agrícola, investiam seus recursos em melhorias urbanas, como nos serviços de água e luz elétrica, bem como na construção de espaços entendidos como modernos, teatros e praças. Entretanto, entendemos que as cidades onde o capital cafeeiro é consistente, junto a atividade ferroviária, também era palco de um comércio dinâmico, que atendia não apenas o mercado local, mas também o regional. E a participação desse comércio, com a arquitetura dos estabelecimentos e as disposições de suas vitrines, e principalmente seus produtos, também atuam na modernização do espaço e dos costumes urbanos (BARBUY, 2006).

A economia cafeeira e a presença dos trilhos de ferro, em algumas cidades, ocasionaram a urbanização, como vimos anteriormente. Entretanto, outros fatores contribuíram para o processo. A ferrovia demandava mão-de-obra, não somente para assentar os trilhos, como na construção e no trabalho em armazéns, escritórios, oficinas assim como os cafezais que já sentiam a falta de braços para o café a partir da segunda metade do século XIX. A importação de braços, agora na figura do imigrante europeu (principalmente em

primeiras circunstâncias) atuaria nessas ausências, como em outras, e conseqüentemente provocariam significativas mudanças no cenário rural e urbano.

Fabio Alexandre dos Santos, ao analisar a cidade de Rio Claro entre os anos de 1850 a 1906, a chegada da ferrovia na cidade atuou não somente no processo de escoamento da produção cafeeira, mas ajudou a criar, ou melhor, solidificar as bases do mercado interno, visto que houve também a facilidade e presença cada vez maior de imigrantes (SANTOS, 2002, p. 88). Ainda sobre o mercado interno, a contínua chegada de imigrantes assalariados começou a minar a autossuficiência das fazendas, e esta por sua vez, passou a representar um mercado para uma série de funções e serviços urbanos, os quais por sua vez, intensificaram-se. Com a crescente ampliação e demanda por novos serviços, Fabio dos Santos ressalta que tal movimento foi responsável pela diversificação das funções urbanas, no caso de seu estudo a cidade de Rio Claro, e que um dos elementos que mais souberam aproveitar das lacunas que se abriam durante esse processo fora os imigrantes (SANTOS, 2002, p. 93).

Muitos imigrantes dirigiam-se para o campo, tanto como mão-de-obra num primeiro momento, como enquanto proprietários de terras. Por outro lado, alguns se destinaram a cidade, ou devido as difíceis situações no campo, ou visto a experiência e vivência urbana em sua terra natal. Nas cidades do interior, os imigrantes estavam presentes enquanto mão-de-obra operária nas pequenas indústrias, bem como no comércio enquanto comerciantes ou donos de estabelecimentos comerciais. Na atividade comercial, os imigrantes poderiam ser tanto mão-de-obra quanto proprietário, e não enfrentaram dificuldades sociais; isto é, não tiveram que rivalizar com outro grupo social que os excluísse da atividade comercial. Segundo Oswaldo Truzzi, por um lado, havia uma falta de interesse dos fazendeiros na atividade comercial, e de outro, a presença de ex-escravos e de brancos pobres que não estavam “afeitos às novas lides urbanas que as transformações sociais em curso ensejava” (TRUZZI, 1986, p. 212).

Assim como comentamos, e noutro capítulo poderemos nos ater com maior ênfase, a dinâmica comercial da cidade e em nosso caso de Botucatu, seus estabelecimentos comerciais e produtos ali vendidos são caracterizados enquanto elementos que evidenciam a modernidade e progresso, segundo os jornais locais. Caminhando no mesmo sentido, aparece a indústria, atividade a qual muitos imigrantes aplicaram seu capital e que são símbolos do desenvolvimento urbano. Muitos imigrantes iniciaram suas atividades enquanto comerciantes, e com o capital levantado e percebendo as ausências de atividades e serviços, investiam em indústrias que suprissem a demanda em nível local e regional, como as atividades de beneficiamento, marcenaria, serralheria, alfaiataria. Ou seja, o imigrante enquanto elemento

essencial para o processo de urbanização e modernização das cidades, dentre elas a do interior. Além de força de trabalho no campo e na cidade, suas marcas enquanto classe social estão nas atividades comerciais e industriais, nos produtos que vendiam e que atendiam a demanda local e regional, bem como, na arquitetura que por vezes empregavam em suas residências ou estabelecimentos muitas vezes típica de sua região de origem, nas agremiações e clubes que formavam para manter as tradições e espaço de sociabilidade (Cf. TRUZZI, 1986.; SANTOS, 2002.).

Modernidade em Botucatu: cinema e eletricidade

Na bibliografia que utilizamos sobre algumas experiências de modernização de espaços urbanos no interior paulista, verificamos que os trabalhos focam na infraestrutura urbana, a partir de diferentes registros históricos. Entretanto, acreditamos que a modernidade também pode ser pinçada para análise a partir de outros elementos e símbolos, como o cinema e a eletricidade. Contudo, não apenas numa leitura sobre a estética dos prédios (no caso dos cinemas) ou o funcionamento da energia e luz elétrica. Mas por meio dos usos e experiências com tais elementos tecnológicos.

Nos jornais da cidade de Botucatu, entre os anos de 1928 a 1934, mais especificamente o **Correio de Botucatu** e o **Jornal de Notícias**, alguns elementos são entendidos e relacionados com uma ideia de modernidade. Dentre os elementos que aparecem com maior intensidade, são as notícias que tratam sobre inaugurações ou visitas de prédios públicos ou privados, como exemplo a construção do novo prédio da estação ferroviária em 1934; reformas de espaços públicos, como a Praça João Pessoa; ações de políticas públicas ou de particulares que se referem à infraestrutura urbana: calçamento das ruas e calçadas; construção de ruas e pontes para interligar os bairros mais afastados com o centro urbano; serviços de água e esgoto; distribuição e uso da energia elétrica, bem como os produtos eletrônicos; a referência às indústrias e industriais botucatuenses. Junto a essas reformas, também destacamos produtos e seus anúncios que são publicados nos jornais, como forma de compreender quais os valores e experiências que tais objetos são representam para os jornais da cidade de Botucatu.

Dentre os melhoramentos que aconteceram em locais destinados ao comércio, as reformas e construções de espaços destinados ao entretenimento, como cinema e casas de diversões, podem-nos trazer luz sobre nosso objetivo de compreender o que seria a “modernidade” por meio dos jornais em relação a tais espaços privados e de uso público.

Houve uma expectativa grande com as reformas do Cinema Casino, quando este fora adquirido pela Empresa Cinematográfica Reunidas de Botucatu, de propriedade de descendentes de imigrantes, Emilio Peduti (presidente da Associação Comercial) e Pedro Chiaradia (um dos líderes do futuro diretório do Partido Constitucionalista local) (CORREIO DE BOTUCATU, 28 jan. 1929, ano 28, p. 1).

A expectativa quando da compra do Casino pela empresa Reunidas, segundo o **Correio de Botucatu**, era reforma-lo: ampliar seu espaço e fazer daquele prédio “um ambiente de verdadeiro conforto e elegância”, com a substituição das paredes de tabuas por constituídas de tijolos, para se transformar numa “casa de diversões a altura do progresso de Botucatu” (CORREIO DE BOTUCATU, 21 mar. 1929, ano 28, p. 1). Todavia, o espaço que seria reformado, é anunciado meses após que seria totalmente destruído para a construção de um novo prédio. As notícias parecem ser repetitivas, mas o que nos interessa são os valores entorno do cinema a ser construído:

Os actuaes proprietários do Cinema Casino tiveram uma ideia magnifica: em vez de submeter a reformar o antigo barracão dessa casa de diversões, vão demolil-o, substituindo-o por um edificio totalmente novo e sumptuoso.

[...]

Realizado o esplendido desideratum, uma das mais graves e notadas lacunas em nossa cidade desaparecerá. Carecimos de um centro de diversões, no gênero, a altura de nosso progresso e que com conforto recompensasse a preferencia de nosso povo a arte que immortalizou Rodolpho Valentino

[...]

O edificio a ser construído honrará os nossos foros de “urbs” adeantada (CORREIO DE BOTUCATU, 11 abr. 1929, ano 28, p. 2).

O **Jornal de Notícias** também noticia em suas folhas a construção do novo cinema para a cidade de Botucatu. Quando da instalação da cobertura do novo prédio, o jornal destaca que tal empreendimento vem ao encontro do “progresso de Botucatu”, visto que as outras casas de diversões, dentre elas cinemas, “já não correspondem as necessidades quer em commodidade, quer em hygiene, iluminação e outros requisitos” (JORNAL DE NOTÍCIAS, 01 jan. 1933, ano 2, p. 1). Além da estética do prédio, muito questionada pelo **Correio de Botucatu**, da boa aparência, os serviços prestados pelo cinema não estavam em consonância com o crescimento e dinâmica da cidade, que por sua vez, exigia melhor qualidade, que envolvia o conforto, iluminação, hygiene e como mostra o **Jornal de Notícias**.

Ao tomar como objeto de estudo os cinemas da cidade de São Paulo, Inimá Simões comenta que os primeiros prédios que eram utilizados como cinema, na maioria das vezes eram teatros ou barracões adaptados que serviam antes como espaços para outras atividades de lazer, como os *rinks de patinação* (1990, p. 15). Posteriormente, já no correr das primeiras

décadas do século XX, as construções de espaços para abrigarem os cinemas passam a ser racionalmente pensadas e projetadas, pensando na melhor disposição das cadeiras, reorganização do espaço físico já que o prédio não atenderia a mais que uma função como no caso dos teatros-cinemas, a iluminação, ventilação, conforto dos clientes, acessos para o prédio e as salas (SIMOES, *op. cit.*, p. 35).

Numa notícia que antecipava e informava sobre a inauguração do novo cinema, o **Correio de Botucatu** destacava a seguinte nota sobre a arquitetura do prédio que seria inaugurado nos próximos dias: “em lindo estylo futurista, o novo cinema local, adornado com artísticas pinturas, satisfaz perfeitamente o fim que se destina e vem também contribuir, em parte, com o embelezamento da nossa cidade” (CORREIO DE BOTUCATU, 22 jul. 1933, ano 32, p. 1). As impressões estéticas marcam as notícias publicadas pelo **Correio de Botucatu**. Naquela que aborda a inauguração do cinema, mais uma vez é a estética do prédio que é ressaltada: “um dos maiores do Estado. Moderno, luxuoso, possuindo lindas decorações, deverá ser o cinema preferido pela elite botucatuense e pela nossa mocidade, educada e exuberante de vida” (CORREIO DE BOTUCATU, 26 jul. 1933, ano 32, p. 1). Assim como as estruturas e vitrines das cassas comerciais, e os produtos vendidos nas lojas imprimiam, segundo Heloisa Barbuy (2006), um sentimento de cosmopolitismo e modernidade, o cinema também atinge o espaço urbano nesse mesmo sentido. A arquitetura e a organização do espaço interno do cinema, “a concepção suntuosa das salas e o luxo ostentado parecem avalizar os esforços civilizatórios da elite local” (SIMÕES, *op. cit.*, p. 18). Vale lembrar também, que ainda nesse sentido civilizatório, Simões resalta os modos e vestimentas daqueles que frequentavam tais espaços; o contato com outros, hábitos, a moda e modos de vida, sobretudo urbano, que eram vistos por meio da tela do cinema. Sobre a influência e recepção da indústria cinematográfica em São Paulo, Inimá Simões resalta os filmes norte-americanos que,

Com suas descrições do estilo americano de vida, da velocidade da sociedade contemporânea, mostrando a vertigem das grandes cidades, os empresários operosos e mulheres elegantes, empolgam e emocionam o redivivo espírito bandeirante [...] (SIMÕES, *op. cit.*, p. 42).

A presença do cinema na vida dos habitantes da cidade de Botucatu era representada pelos jornais da cidade. Entretanto, não estava unicamente relacionado quanto espaço de lazer ou enquanto sua arquitetura e marco na paisagem urbana. Havia uma preocupação com o conteúdo dos filmes e na influência que as imagens reproduzidas mecanicamente desencadearia sobre os indivíduos, principalmente nas crianças e mulheres. Nas páginas do

Correio de Botucatu, por meio de crônicas ou pequenas histórias, podemos visualizar os valores que estavam em jogo e a inquietação sobre o alcance dos filmes e dos astros frente a população.

Durante os meses de abril a agosto do ano de 1929, o **Correio de Botucatu** publicou uma coluna denominada *Gente de Agora*. Por meio de diálogos entre mulheres, mães, moças solteiras e homens, as crônicas faziam alusão aos valores da sociedade daquele período. Assinada por Lola de Oliveira, o que não podemos confirmar se realmente era uma mulher, tratava de diferentes temas, como religião, moda feminina e masculina, casamento, a juventude, e os novos costumes que eram incorporados por meio das músicas e do cinema.

Numa coluna da *Gente de Agora* com o título de *Crianças*, num diálogo entre duas mulheres, a conversa inicia-se tratando sobre o gosto pela literatura, a leitura de poesias e romances e a proibição de seus pais, visto que algumas leituras não serem adequadas para moças. No correr do diálogo, umas das mulheres comenta que o não era aprendido pela literatura, era pelo cinema, afirmando em seguida que o “mundo está perdido”. Na sequência, ao comentar sobre a educação das crianças, comenta:

As crianças não tem mais aquellas adoráveis ingenuidades. Os brinquedos de roda, de bonecas, a cabra-cega, os jogos infantis foram substituídos pelos cinemas, o namoro, o futebol e a dança. As pequenas de oito anos já sabem se pintar, requebrar, *flirtar*, imitando as estrelas da *tela*.

Assisti, há pouco, a um baile infantil e fiquei desolada. Dançavam, exageradamente, tangos, e *fox-trots* de uma maneira que me horrorizou. Algumas meninas, já mocinhas, tinham os braços e os colios nus e os vestidos curtíssimos sobre as coxas nuas.

Não se respirava naquela festa, a alegria, a inocência, a candura própria da infância. Não eram crianças que saltavam, que pulsavam, que brincavam, eram homens e mulheres em miniatura, que enlaçados, estreitamente, se entregavam aos prazeres da dança.

As conversas que eu ouvi de meninos eram em torno de namoros, entremeadas de palavrinhas maliciosas...Qual o culpado daquele espectáculo tristíssimo para os meus olhos?

- o cinema, Lucilia. Em nossa terra não há o mínimo escrúpulo, o mínimo cuidado na escolha das fitas para vespereais infantis.

As mães são as grandes culpadas. Não zelam pelo nível moral de seus filhos, e os levam para assistir a *films* em que se jogam cenas que impressionam fortemente os cérebros em formação (CORREIO DE BOTUCATU, 05 de Jun. de 1929, ano 28, p. 1).

O texto transcrito do jornal é longo, mas elucidativo quanto à preocupação com a moral, comportamento e formação das crianças naquele “novo” tempo, sob o impacto do cinema, dos novos estilos musicais. Num outro diálogo intitulado de *Cinema*, mais uma vez entre duas mulheres, podemos perceber os usos do cinema enquanto espaço de diversão e de encontros:

O cinema

- Vamos ao cinema, Alice?
- Que fita levam hoje?
- Os *Três Mosqueteiros*. É muito boa!
- Deus me livre! Eu só gosto de fitas modernas, em que apareçam artistas elegantes, trajando pelos últimos figurinos. Fitas em que se vejam bailes, festas, *gardem-party*, e gente *chic*, em cenários de luxo.
- A de hoje é extraída de uma romance celebre. Já leste?
- Eu não leio velharias e passadismos...
- És futurista?
- Não sei...Gosto do que é novo e bonito.
- Vamos, a fita é linda.
- Não! Não quero ir porque não combinei com meu *pequeno*. Você sabe que eu aprecio a fita quando elle está junto. Quando-lhe sempre a cadeira com o meu *manteau*.
- Mas tu não vês a fita que elle esta ao seu lado...
- Ora a fita! A fita é o que menos nos interessa...Não olhamos para a tela...Só quando ascendem as luzes. O cinema é o pretexto para nos encontrarmos e conversarmos. De quando em vez, dá-se uma olhadela para o panno, para se notar os *toilettes* das artistas e observar-se algumas *poses*. Uma ou outra scena nos chamam a atenção, mas o enredo nunca o sabemos. Não perdemos é o (?) que sempre acaba com uma beijoca – o *succo* do namoro.
- Então não aproveita as lições de moral que quase todas as fitas contem?
- As lições de moral das fitas devem ser *fitas*...Eu só vejo meu Tom Mix ao lado...nada mais! (CORREIO DE BOTUCATU, 03 de jul. de 1929, ano 28, p. 1).

O cinema enquanto estrutura física, é entendido pelos jornais da cidade de Botucatu como símbolos de modernidade. Como necessidade para a cidade mostra-se moderna. Entretanto, também é espaço de novas vivências e experiências que vão ingressando no cotidiano das pessoas. Cinema como espaço de lazer, entretenimento e também como elemento no processo de modernização: influencia nas noções de tempo e espaço, além de despertar novos estímulos sensoriais, desejos de consumo e novas formas de sensibilidade (FERRARESI, 2007, vol 2, p. 460).

O **Jornal de Notícias** destaca as sessões de inauguração com suas entradas esgotadas com a projeção do filme *O Sinal da Cruz*. Comenta sobre o ambiente confortável, “finamente completo, e quem nelle ingressa, recebe imediatamente a mais suave das impressões, sente-se ipso-facto confortado das horas passadas nos afazeres diurnos” (JORNAL DE NOTÍCIAS, 30 jul. 1933, ano 2, p. 1). Além dessa notícia chama-nos a atenção por uma aparente consonância de valores entre ambos os jornais no que se refere ao comércio local, outro ponto também nos prende. Ao tratar sobre a inauguração do Casino, o **Jornal de Notícias** faz o seguinte comentário a participação de uma indústria local com o funcionamento do estabelecimento: “é dever fazer-nos notar que a industria local contribuiu com dois terços na edificação do bello prédio. A iluminação e a força são provenientes das Usinas Hydro-Eletricas Petrarca Bacchi” (JORNAL DE NOTÍCIAS, idem).

Petrarca Bacchi, filho de imigrantes italianos, fora considerado um dos maiores industriais de Botucatu naqueles anos os quais nos debruçamos. Principal parceiro do **Jornal**

de Notícias, visto que aparecem propagandas de suas indústrias durante os quatro anos de publicação do jornal, membro do Partido Constitucionalista e da Associação Comercial de Botucatu. Era proprietário das Indústrias Italo-Brasileiras, remetidos pelo **Jornal** como um “complexo industrial local”, que abrangia diversos serviços, dentre eles: fabricação de produtos alimentícios; de bebidas como cervejas, chopes e refrigerantes; serralheria; proprietário de fazendas de café e atuava na venda e compra de terrenos. Dentre esses serviços e empreendimentos de propriedade de Petrarca Bacchi, um deles sobressaía: a “Usina Hydro-Elétrica”.

No primeiro número do **Jornal de Notícias** fora publicado em duas páginas inteiras, informações e um material fotográfico da usina em questão, das quedas d’água. No interior paulista, mais a oeste na região da Sorocabana, como a cidade de Botucatu, Helena de Lorenzo ressalta que havia centros isolados e descentralizados de fornecimento de energia e força elétrica: principalmente entre os anos de 1900 a 1920, estes estabelecimentos próximos a quedas de água (uma necessidade devido à ausência de técnica mais apurada para a geração de força e luz elétrica) serviam os núcleos urbanos (LORENZO, 1993, p. 98). Entretanto, o que nos remetemos aqui não é a forma como fora construída e a técnica empregada, mas o sentido e o valor que era depositado naquela indústria: sua importância para funcionamento do comércio e de outras indústrias da cidade (JORNAL DE NOTÍCIAS, 22 nov. 1931, ano 1, p. 4-5). A figura de Petrarca Bacchi e de suas indústrias eram relacionadas pelo **Jornal** como alicerces para o desenvolvimento e “progresso” da cidade de Botucatu. Ao enfatizar sua infância humilde e riqueza ganha pelo trabalho penoso, a notícia ressaltava:

O sr. Petrarca Bacchi, o formidável creador desse já notável parque industrial Italo-Brasileiras – é desses homens raros cujas iniciativas e perfeito bom senso pratica, força, activa, incita o Progresso da cidade que, em boa hora, o recebeu em seu seio (JORNAL DE NOTÍCIAS, 30 set. 1934, ano 3, p. 1).

A imagem que era criada a partir de suas indústrias, encaradas como um “complexo industrial” engendrava uma ideia de que as indústrias era uma das bases para o “progresso” da cidade de Botucatu, segundo o **Jornal de Notícias**. O título da notícia anterior é por si só simbólico e muito significativo: *o sr. Petrarca Bacchi força o progresso*. Esse título é ainda mais elucidativo quando remetemos a uma propaganda de seu “complexo industrial” publicada pelo **Jornal**. No espaço destinado a Usina Hidroelétrica, o texto da propaganda ressalta que a usina abastecia a eletricidade para mais de dois mil estabelecimentos e coloca em evidência alguns deles: fornecia “força e luz” para as oficinas da Estrada de Ferro Sorocabana de Botucatu; para os dois jornais da cidade, o **Jornal de Notícias** e **Correio de**

Botucatu; para estabelecimentos comerciais, dentre eles o Hotel Paulista e Hotel Glória; e para o funcionamento de outras indústrias como a de Serafim Blasi e de Angelo Milanesi, de fabricação de máquinas de beneficiamento de café (JORNAL DE NOTÍCIAS, 23 set. 1934, ano 3, p. 4).

O uso da energia e força gerada pela indústria de Petrarca Bacchi proporcionava o funcionamento do comércio e de outras indústrias locais, que por sua vez, eram índices de “progresso” e “modernidade” para o **Jornal de Notícias**. Sobre essa afirmativa, podemos nos remeter a uma circular de autoria da Associação Comercial, publicado pelo **Jornal de Notícias** sobre a cidade de Botucatu. Ao comentar sobre as indústrias locais, a circular ressalta duas indústrias:

As industrias de Botucatu muito honram não só esta cidade como todo o Brasil por já diversas vezes haverem concorrido à Exposições e recebendo prêmios e diplomas de honra. Destaca-se primeiro logar as [frase não compreendida devido a deterioração da fonte] Máquinas de Beneficiar Café de Serafim Blasi & Cia, que há merecido e continua a merecer os maiores elogios pela parte dos produtores de café e técnicos desse produto. A Officina Blasi é bem montada e com ótimo forno de fundição e de instalação moderna; Força e Luz – Botucatu é servida por duas empresas de Força e Luz Elétrica: Companhia Paulista de Força e Luz, que faz a iluminação da cidade e distribue força a Municipalidade para o funcionamento da bomba hidráulica, e a Empresa Hidro Elétrica – Bacchi que fornece força e luz para particulares comprando \$400 o kv. A Empresa Hidro Elétrica – Bacchi veio trazer maior progresso para Botucatú e evitar que os pequenos industriaes, deante dos preços exorbitantes da Companhia Paulista de Força e Luz, paralisassem as suas fabricações (JORNAL DE NOTÍCIAS, 17 mai. 1934, ano 3, p. 4).

Ao colocar em evidência a Hidroelétrica de propriedade de Bacchi, o discurso da Associação Comercial pontua que além de uma fonte de energia e força elétrica, a partir desse serviços, possibilitou que os pequenos comerciantes e industriais mantivessem sua atividade. Os discursos da Associação Comercial e do **Jornal de Notícias** possuem certas proximidades de valores ao identificar que: primeiro, o papel da energia e força elétrica para o desenvolvimento da cidade, em nível econômico; bem como, identificar o papel de Petrarca Bacchi no que se refere ao desenvolvimento econômico e da classe produtora da cidade, como os comerciantes e industriais, atividades essas fundamentais para o “progresso” de uma cidade. Importante compreender que a partir das primeiras décadas do século XX, não somente o café geria a economia dos municípios e do próprio Estado de São Paulo: as indústrias e o comércio ganhavam mais espaço nos centros urbanos como atividade econômica, e por sua vez, a energia e força elétrica possibilita um desenvolvimento urbano, comercial e industrial nas cidades, sendo assim,

A base para as mudanças no caráter das atividades econômicas dos municípios advinha da importância de sua articulação com a atividade cafeeira, da presença da ferrovia e dos efeitos cumulativos da progressiva concentração das atividades comerciais e financeiras. No entanto, a realização dessas mudanças aparece, quase sempre, associadas à presença de energia elétrica nesses municípios (LORENZO, 1993, p. 99).

A difusão da energia e força elétrica não suscitava uma ideia de “modernidade” apenas como combustível para o funcionamento do comércio e da indústria local. A utilização de luz elétrica trazia para a cidade uma sensação de viver e fazer parte da modernidade que tocava grande parte do ocidente. A produção e utilização de energia elétrica eram visto como “índice evidente de progresso” e neste sentido, a cidade era inserida na produção, visto que uma das indústrias da cidade era a hidroelétrica de propriedade de Petrarca Bacchi (JORNAL DE NOTÍCIAS, 27 out. 1932, ano 1, p. 1).

Numa notícia publicada pelo **Correio de Botucatu** destaca que a utilização de luz e força elétrica torna-se símbolo de “progresso”: quanto maior a difusão e uso de tal meio de força, retrata o nível de desenvolvimento da sociedade. Como referência para tal *status* de sociedade, tem-se os Estados Unidos da América, onde o desenvolvimento fora alcançado devido ao grande uso de energia elétrica, que possibilitava menor esforço para o ser humano lidar “não só na luta pela vida, como nos misteres agradáveis da existência”:

O século que atravessamos, tão cheio de transformações de ordem social, econômica, financeira, industrial e técnica, fornece um exemplo admirável quanto as invenções e os aperfeiçoamentos que o engenho humano tem posto em uso generalizado.

[...]

E, com ellas, lucra a humanidade, que se vê cercada de um conforto muito mais accentuado, sente que os methodos são mais simples e efficazes [...]

A eletricidade tem sido um factor dos mais importantes se não o mais importante de todos elles – que influenciaram, estão influenciando e hão de influenciar essas transformações benéficas.

O que a eletricidade há realizado quanto a simplificação do trabalho humano, quanto ao aperfeiçoamento industrial e ao conforto doméstico mesmo – cujos effeitos a cada passo se fazem sentir (CORREIO DE BOTUCATU, 23 out. 1929, ano 29, p. 3).

A utilização da energia elétrica fazia-se cada vez mais necessário para o conforto, bem estar, iluminação urbana e na geração de força para o funcionamento das indústrias e comércios. Para retratar essa demanda cada vez mais crescente do uso da energia elétrica, o **Jornal de Notícias** traz o uso que dela se fez na Exposição Internacional de Chicago e o encanto da iluminação elétrica:

Hoje, seria talvez impossível realizar a Exposição de Chicago sem a eletricidade. Desde o primeiro momento em que se pisa no terreno da Exposição, nota-se a formidável influencia dessa energia mágica. A noite, o visitante deixa o recinto da

feira sobre o esplendor de uma aurora boreal artificial, produzida por uma bateria de projetos eletrônicos (JORNAL DE NOTÍCIAS, 02 nov.1933, ano 2, p. 2).

Aliado ao encanto da luz elétrica, valores eram sustentados junto a utilização da eletricidade: conforto e higiene. Nas casas comerciais, na criação de novos serviços e propagandas de lojas, a luz e energia elétrica eram utilizadas como um diferencial. Na propaganda de inauguração da seção Westinghouse da loja Amando de Barros e Cia, o texto do anúncio ressalta:

Ninguém que deseje o conforto e bem estar em lar, póde hoje, para esse fim, dispensar o concurso da eletricidade.

Os aparelhos electronicos suprem, n'um lar moderno, tudo o que se pode desejar em conforto e hygiene, razão pela qual inumeras são as fabricas desses aparelhos installadas em todo o mundo (JORNAL DE NOTÍCIAS, 3 jun.1934, ano 3, p. 1).

Os aparelhos eletrônicos passam a serem elementos incorporados, junto à premissa de higiene e conforto, para um viver “moderno”. Tais equipamentos proporcionam mudanças e transformações nas atividades do dia-a-dia, no modo de vida. Segundo Alenuska Andrade, os equipamentos e utensílios eletrônicos estão além da esfera utilitária, são “artefatos que inspiram a formação de novos padrões de conforto, sofisticação, consumo e, assim, teceram uma rede de relações com os valores, sentimentos e comportamentos” (ANDRADE, 2009, p. 106).

Mesmo com o funcionamento da Usina Hidroelétrica de Bacchi, a Companhia Paulista de Força e Luz conseguiu uma concessão na cidade de Botucatu, o que gerou um embrião judicial entre ambas. Concessão adquirida pela administração de Octacílio Nogueira do P.R.P., que por sua vez, teve forte apoio do **Correio de Botucatu**. De toda forma, com a inauguração dos serviços da Companhia Paulista na cidade, em 1929 fora inaugurada uma loja de produtos elétricos da própria empresa. Na inauguração, na região chamada Lago do Casino, uma praça da cidade, fora realizadas demonstrações de alguns “aparelhos electricos modernos, para o uso e conforto do lar” que estariam a venda na loja da Companhia, e ainda seriam distribuídos “waffles, pancakes e café feitos na hora e à vista do público” (CORREIO DE BOTUCATU, 29 jun. 1929, ano 28, p. 1). Segundo o discurso do próprio **Correio**, “preencheu-se uma lacuna há muito notada em nosso commercio”:

Precisavamos de um estabelecimento desse gênero. Ali as famílias tudo encontrarão para que os trabalhos no lar se tornem leves, pois a eletricidade e os aparelhos que ella faz funcionar substituem com enorme vantagem os creados. Hoje em dia a falta de servidores as donas de casa não mais collocam as mãos na cabeça. A eletricidade salva a situação embaraçosa...(CORREIO DE BOTUCATU, 3 jul. 1929, ano 28, p. 1).

O uso da eletricidade no espaço privado da residência, não está ligado somente ao fornecimento de luz. Mas a alusão de tornar os serviços domésticos mais leves e a diminuição do tempo gasto com tais serviços, que possibilitaria mais tempo para a vida social urbana: poder usar o tempo e a energia que seria gasta com os pesados afazeres domésticos no viver urbano e moderno, nas atividades físicas, no *footing* em parques, praças e no comércio da cidade (ANDRANDE, 2009, p. 109; SEVCENKO, 1992; BARBUY, 2006).

No caso da inauguração dos serviços e da loja da Companhia Paulista da Força e Luz, o **Correio de Botucatu**, por meio de suas publicações e matérias sobre a mesma, acaba agindo como instrumento propagandístico, tanto da companhia quanto do uso doméstico dos aparelhos eletrônicos. Em relação à companhia e seu estabelecimento comercial, é uma via de mão dupla, visto que aumenta seus lucros com a venda dos utensílios eletrônicos, que por sua vez, aumenta o consumo de força elétrica na cidade, que também proporciona maior lucratividade a empresa. Sobre a expansão e maior uso da energia elétrica nas cidades, Helena de Lorenzo ressalta que:

A eletrificação urbana, ou seja, a disponibilidade de energia elétrica nos espaços urbanos possibilitou maior realização do capital nesses espaços. Além de constituir, em si própria, um investimento lucrativo, a eletricidade tem a peculiaridade de estar presente na realização de quase todos os produtos e atividades. A energia elétrica, ao acionar máquinas, iluminar cidades, cassas, fábricas, permite imediata transferência de valor às mercadorias no decorrer do processo produtivo. Em princípio, o crescimento do consumo e a produção de mercadorias constituem a base da expansão da eletricidade, uma vez que a realização desta depende de sua produção e venda urbana (LORENZO, 1993, p. 95).

Neste processo, a Companhia Paulista de Força e Luz coloca em ação algumas medidas publicitárias, com descontos em produtos eletrônicos para aqueles que se interligassem a rede elétrica. Por meio das páginas do **Correio de Botucatu**, sobretudo na primeira página, faz propaganda de seus produtos, como no caso da geladeira oferecida pela empresa. Na maioria das propagandas, sempre com maior uso de texto e destinado às mulheres e “senhoras do lar”, pontuava-se as vantagens do uso da “refrigeração elétrica”, além manter os alimentos frescos e saudáveis:

Não podemos esperar que a ocupada dona de casa se lembre de por óleo no maquinismo, no entanto a maioria das machinas exigem esta atenção em intervallos regulares, afim de evitar complicações sérias e grandes despesas. A nossa geladeira pode ser ligada a qualquer tomada e quanto ao maquinismo ser completamente esquecida, pois, a própria ligação e desligação da corrente elétrica é automática. Toda a via, a beleza da machina e o serviço perfeito da mesma faz com que não se esqueça della a dona de casa, uma vez installada na cosinha (CORREIO DE BOTUCATU, 20 jul. 1929, ano 28, p. 1).

O conforto do novo utensílio, que funciona por meio da energia elétrica, sem barulho, fácil manuseio, que preserva a qualidade e o frescor dos alimentos. Estes elementos ressaltados pela propaganda e pelas notícias, como no caso da inauguração da loja da Companhia Paulista de Luz e Força, também possui uma função didática, pedagógica de como utilizar tais objetos. Alenuska Andrade, a publicidade além de atrair novos consumidores para os produtos, ajudaram também a educar a população para a adoção de novos hábitos, que em consonância com o uso das inovações tecnológicas prometiam conforto e bem estar (ANDRADE, 2009, p. 116-117).

Considerações Finais

Por meio da bibliografia sobre a experiência da modernidade, entendemos que no final do século XIX e início do século XX, o contato com novos instrumentos tecnológicos, como a ferrovia, a eletricidade, o cinema, afetou e alterou a ordem e as hierarquias sociais até as noções de tempo e espaço das pessoas, seus modos de perceber os objetos ao seu redor.

Procuramos demonstrar que o estudo da modernização das cidades do interior paulista perpassam aquelas questões de infraestrutura urbana e de novos serviços oferecidos pelas cidades. Os estudos de experiências de modernização das cidades do interior paulista priorizam uma análise sobre as infraestruturas urbanas enquanto símbolos da modernidade, bem como a parcela da população que fica a margem desses melhoramentos. Questões como o calçamento das ruas, a estética dos prédios privados e públicos, o funcionamento de ferrovias são alguns elementos que ajudam a criar uma ideia de modernidade para os centros urbanos do interior paulista. Contudo, outros elementos e símbolos também fazem parte desse imaginário.

Assim, selecionamos o cinema e energia elétrica na cidade de Botucatu entre os anos de 1928 a 1934. Além da estética dos prédios dos cinemas ou do funcionamento da energia elétrica na cidade que despertavam a ideia de modernidade, as vivências, experiências e transformações dos modos e costumes daqueles que interagem em tais espaços ou com os produtos eletrônicos são também centrais no processo de modernização.

Referências

- ANDRADE, Alenuska Kelly Guimarães. **A eletricidade chega à cidade: inovação técnica e a vida urbana em Natal (1911-1940)**. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2009.
- BARBUY, Heloísa. **A cidade-exposição: comércio e cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914**. São Paulo: Edusp, 2006.

- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. Tradução Carlos Felipe Moisés, Ana Maria Ioratti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CANO, Wilson. **Raízes da concentração industrial de São Paulo**. São Paulo: Difel, 1976.
- CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- COSTA, Emilia Viotti. **Da Monarquia a República: momentos decisivos**. Livraria Editora Ciências Humanas LTDA, São Paulo, 1979.
- DEAN, Warren. **A industrialização de São Paulo: 1880-1945**. São Paulo: Difel, 1971.
- FERNANDES, Ana; GOMES, Marco Aurélio. História da cidade e do urbanismo do Brasil: reflexões sobre a produção recente. In: **Ciência e cultura**. vol. 56, nº 2. São Paulo, abr/jun, 2004, p. 23-25.
- FELDMAN, Sarah. Avanços e limites na historiografia da legislação urbanística no Brasil. In: **R. B. Estudos urbanos e regionais**. nº4, maio/2001, p. 33-47.
- FERRARESI, Carla M. **Papéis normativos e práticas sociais: o cinema e a modernidade no processo de elaboração das sociabilidades paulistanas na São Paulo dos anos de 1920**. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2 volumes, 2007.
- FOLLIS, Fransérgio. **Modernização urbana na Belle Époque paulista**. São Paulo: UNESP, 2004.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora da Unesp, 1991.
- LANNA, Ana Lucia. **Uma cidade na transição – Santos: 1870-1913**. São Paulo: HUCITEC/Prefeitura Municipal de Santos, 1996.
- LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- LORENZO, Helena Carvalho de: Eletrificação e crescimento industrial no Estado de São Paulo: 1880-1940. In: **Perspectivas**, São Paulo, vol 17-18, 1994/1995, p. 123-143.
- _____. **Eletrificação, urbanização e crescimento industrial no Estado de São Paulo, 188-1940**. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1993.
- MAGALHÃES, Gildo. **Força e Luz: eletricidade e modernização na República Velha**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- MENDONÇA, Robson M. **Washington Luís e a modernização de Batatais**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2005.
- ORTIZ, Renato. **Cultura e modernidade: a França no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- ORTIZ, Renato. **Cultura e modernidade: a França no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- PESAVENTO, Sandra J. A cidade maldita. In: SOUZA, Célia Ferraz, PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). **Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997b, p. 25-38.
- _____. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. 2ª Edição. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.
- _____. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 16, 1995, p. 279-290.
- SANTOS, Fábio Alexandre. **Rio Claro: uma cidade em transformação (1850-1906)**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2002.

SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: SEVECENKO, Nicolau; NOVAIS, Fernando (org). **História da vida privada no Brasil. Da Belle Époque à Era do Rádio**. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 7-48.

_____. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frenéticos anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SIMÕES, Inimá Ferreira. **Salas de cinemas em São Paulo**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura/Secretaria de Estado de Cultura, 1990.

VELLOSO, Monica Pimenta. O modernismo e a questão nacional. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia (org). **O Brasil Republicano**. vol 4. Rio de Janeiro, 2007, p. 353-386.

TRUZZI, Oswaldo: **Café e indústria**: São Carlos 1850 – 1950. São Carlos: Arquivo de História Contemporânea, 1986.